

Roteiro dos Slides Parte I

Os comentários sobre os slides são para ajudar quem vai dar o curso pensar na sua fala que deve ser curta. Não devem ser passadas todas as informações contidas nos comentários. A intervenção para cada slide deve se manter na média em 1 minuto.

1. História do Movimento Operário e suas correntes

2. Parte I – Marx e a AIT

3. Crise econômica de 1857, Guerra Civil Americana

- Pânico financeiro nos EUA 1857 – relacionado à expansão da economia norteamericana (corrida do ouro/expansão das ferrovias) e a retração do mercado mundial.
- 1857 - Primeira crise econômica mundial. Marx escreveu artigos sobre a crise para o New York Tribune, período que iniciou seus trabalhos nos Grundrisse: *"essas catástrofes regulares levam a sua repetição numa escala superior e, finalmente, à sua derrubada"*, desenvolvendo a teoria da crise (toda crise pode ser superada, mas a sua recuperação prepara inevitavelmente o solo para a próxima crise que será pior em relação à anterior).
- *"A crise de 57-58 teve uma repercussão forte sobre os novos ramos da produção capitalista. Inúmeros operários ficaram sem trabalho e constituíram um exército de concorrência com os demais trabalhadores. Os industriais resolveram aproveitar-se desta circunstância para oprimir os operários, abaixar os salários e amentar a jornada de trabalho. Para a grande surpresa dos industriais, os operários responderam, em 1859, com uma greve em massa, uma das maiores havidas em Londres"*. D. Riazanov. *Marx e Engels e a história do movimento operário: conferências feitas em um curso para operários na Academia Comunista, Moscou*. São Paulo: Global, 1984.
- Organização do primeiro conselho das trade unions, participação de Odger e Cremer.
- Guerra Civil Americana (guerra de secessão) – *"A Guerra Civil dos Estados Unidos provocou, assim, um violento transtorno na vida econômica da Europa e afetou por igual os operários ingleses, alemães, franceses e até mesmo os operários russos (...)"* crise algodoeira – *"os Estados do Sul possuíam quase todo o monopólio da produção de algodão e abasteciam a indústria algodoeira do mundo inteiro. (...) Quando a indústria em seu conjunto, se havia refeito completamente da crise de 1857-1858, uma crise sem precedentes alcançou a indústria algodoeira e afetou não só a Inglaterra, mas também a França, a Alemanha e até a Rússia"* Riazanov.

4. Marx e Riazanov: Guerra Civil EUA – leitura

5. Exposição Mundial: Londres 1851, Paris 1855, Londres 1862.

- Desenvolvimento da Indústria, urbanização (ex. reforma de Haussmann) – indústria da construção (operários qualificados).

- 1851 - *A Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações*, realizou-se em Londres, no Palácio de Cristal, feito com estruturas pré-moldadas de ferro e de vidro (revolucionou os conceitos arquitetônicos)
- 1862 - A exposição ocupou uma área de 9 hectares de terreno, consistia numa nave principal com duas alas contíguas, instaladas perpendicularmente, destinadas a maquinaria e equipamentos agrários, incluíam maquinaria diversa, entre a qual parte de máquina analítica de Charles Babbage, máquinas para fábricas de tecidos de algodão e motores marítimos, técnicas para a produção de borracha e o processo de Bessemer para produção de aço. A exposição contou com uma delegação de operários parisienses (subsidiados/oposição dos blanquistas) e alemães. De acordo com Riazanov, a reunião ocorrida durante a exposição contou com a participação da burguesia e não deu origem à fundação da Internacional.

6. Insurreição na Polônia

- A Revolta de Janeiro foi a mais longa insurreição polonesa contra a Rússia tsarista: começou em 22 de janeiro de 1863, e os últimos insurgentes não foram capturados até 1865. Começou com um protesto espontâneo por jovens poloneses contra o alistamento no Exército russo.
- *“O ressurgimento das rebeliões camponesas (1858-1862), o início da “emancipação” dos servos (1861) e, principalmente, a insurreição nacional polonesa (1863) acentuaram o interesse de Marx e Engels pelas condições sócio históricas do império dos czares, sem deixar de lado a preocupação por sua influência e peso diplomático militar nos assuntos europeus. Por um momento, Marx e Engels acreditaram que a insurreição polonesa pudesse desencadear uma revolução europeia, uma nova “primavera dos povos”, como a de 1848. Como Rousseau, Marx também via na emancipação nacional da Polônia um anteparo essencial para impedir o avanço do “barbarismo asiático sob a liderança moscovita” contra o Ocidente.”* Marcos del Roio, “A questão russa para Marx e Engels”, Estudos de Sociologia, Araraquara, 15, 121-129, 2003.
- *“No Ocidente, onde o tzarismo era unanimemente odiado, a insurreição polonesa despertou vivas simpatias. (...) Na França, organizaram-se várias assembleias e igualmente um comitê (...) Na Inglaterra, Cremer e Odger, por parte dos operários e o professor Beesley, pelos intelectuais radicais, punham-se à frente do movimento em favor dos poloneses. Em abril de 1863 convoca-se em Londres um grande comício presidido pelo professor Beesley e no qual Cremer pronuncia um discurso para defender os poloneses. A assembleia assume uma resolução pela qual decide que os operários franceses e ingleses exerçam pressão sobre seus governos respectivos, para fazê-los intervir em favor da Polônia. Decide-se também organizar um comício internacional. Este comício realizou-se em Londres, presidido pelo mesmo Beesley, em 22 de julho de 1863. Odger e Cremer falaram em nome dos operários ingleses e Tolain em nome dos franceses. Todos eles demonstraram a necessidade de restaurar a independência da Polônia. Este foi o único assunto dos seus discursos. Mas no outro dia, realizou-se uma reunião que ordinariamente os historiadores da Internacional não mencionam. Ela foi organizada pelo conselho londrino das trade-unions, mas desta vez sem a participação dos elementos burgueses. Odger demonstrou ali a necessidade de uma união estreita entre os operários ingleses e os do continente”* Riazanov.
- A Revolta foi esmagada pela Rússia em 1864.

7. George Odger: Leitura

8. Convite de Cremer a Marx, Fundação da AIT

- *“No dia 28 de setembro de 1864, o salão do St Martin’s Hall, edifício situado no coração de Londres, estava lotado. Ali encontravam-se cerca de 2 mil trabalhadoras e trabalhadores para assistir ao comício de alguns dirigentes sindicais ingleses e de um pequeno grupo de operários vindos do continente. No manifesto de convocação da assembleia fora anunciada a presença de uma “delegação eleita pelos operários de Paris” que apresentaria sua resposta ao discurso dos companheiros ingleses e um plano para um melhor entendimento entre os povos. De fato, em julho de 1863 algumas organizações operárias francesas e inglesas, reunidas em Londres para uma manifestação de solidariedade ao povo polonês – insurreto contra a ocupação de seu país pelo Império russo -, haviam proclamado os objetivos que julgavam de fundamental importância para o movimento operário. (...)”* Marcelo Musto (org) *Trabalhadores, Uni-vos! Antologia Política da I Internacional*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- *“Foi Marx quem deu uma finalidade clara à Internacional, quem realizou um programa político não excludente, embora firmemente classista, como garantia de uma organização que ambicionava ser de massas e não sectária. Marx foi a alma política de seu Conselho Geral, aquele que redigiu todas as suas resoluções principais (...) Todavia, diversamente do que afirmam muitas reconstruções fantasiosas, que o representam como o fundador da Internacional, Marx não estava entre os organizadores da assembleia realizada no St Martin’s Hall. Assistiu a ela, ao contrário, como “personagem mudo” (...) Soube porém reconhecer imediatamente a potencialidade do evento e pôs-se a trabalhar para o êxito da associação. Graças ao prestígio que, embora circunscrito a certos âmbitos, acompanhava seu nome, foi nomeado entre os 34 membros do Comitê Diretor Provisório da Associação, no interior do qual, tendo conquistado em pouco tempo a confiança de seus membros, a ele foi dada a incumbência de redigir a Mensagem Inaugural e os Estatutos Provisórios da Internacional (...) Foi graças a perspicácia de Marx que a Internacional tornou-se um órgão de síntese política das tendências presentes nos diversos contextos nacionais. Ele foi capaz de unificá-las num projeto de luta comum, garantindo autonomia às seções locais, mais não total independência em relação ao centro dirigente. (...) com o passar do tempo, muitas vezes por meio de confrontos e rupturas (...) o pensamento de Marx tornou-se a doutrina hegemônica.”* Marcelo Musto.

9. Grupos que fundaram a Primeira Internacional

- *“As organizações operárias que fundaram a Internacional eram muito distintas entre si. O centro motor foi o sindicalismo inglês. Seus dirigentes quase todos reformistas, interessavam-se sobretudo por questões de caráter econômico. Lutavam pela melhoria das condições dos trabalhadores, sem contudo, colocar o capitalismo em discussão. Assim, conceberam a Internacional como um instrumento favorável a seus objetivos, impedindo a importação da mão de obra estrangeira durante as greves. Outro ramo significativo da organização, por muito tempo dominante na França e forte também na Bélgica e na Suíça francesa, foi o dos mutualistas. Seguidores das teorias de Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), opunham-se a qualquer tipo de envolvimento político dos trabalhadores, eram contrários à greve como instrumento de luta e exprimiam posições conservadoras em relação à emancipação feminina. Defensores de um sistema cooperativo sobre uma base federalista, sustentavam ser possível modificar o capitalismo mediante acesso igualitário ao crédito. Por essas razões, constituíram a ala direita da Internacional. Ao lado desses dois componentes, numericamente majoritários, o terceiro*

grupo, por ordem de importância, foi o dos comunistas, reunidos em torno da figura de Karl Marx (1818-1883) e ativos – com pequenos grupos, dotados de uma esfera de influência muito circunscrita – em algumas cidades alemãs e suíças, assim como em Londres (...). Nas fileiras da Internacional à época de sua fundação, também havia componentes sem qualquer relação com a tradição socialista e inspirados por concepções vagamente democráticas, (...). Entre esses, podem ser citados os seguidores de Geiuseppe Mazzini (1805-1872), expoente de um pensamento interclassista, orientado principalmente às reivindicações nacionais e quase concebia a Internacional como uma associação útil para a difusão de apelos de libertação dos povos oprimidos da Europa. Ao completar o quadro da organização, tornando ainda mais complexo o equilíbrio de forças, havia vários grupos de trabalhadores franceses, belgas e suíços, que aderiram à Internacional trazendo consigo as teorias mais diversas e confusas, entre as quais algumas inspiradas no utopismo. Por fim, jamais associada à Internacional, embora sempre girando em sua órbita, estava também a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, partido dirigido pelos seguidores de Ferdinand Lassalle (1825-1864) que ostentava uma nítida posição antissindical e concebia a ação política nos estreitos limites nacionais.” Marcelo Musto.

- “Havia em primeiro lugar, ingleses, eles mesmos, divididos em vários grupos: ‘trade-unionistas’, velhos cartistas’ e ‘owenistas’. Havia franceses, muito pouco versados nas questões econômicas, mas considerados como especialistas da arte revolucionária. Havia também italianos, muito influentes então porque eram liderados por um homem muito opular entre os ingleses, o velho revolucionário Mazzini, republicano ardente e, ao mesmo tempo, religiosos. Encontravam-se ali exilados poloneses, para os quais a questão polonesa estava em primeiro plano; estavam, por último, alguns alemães, todos ex-membros da Liga dos Comunistas: Ecarius, Lessner, Pfender e, por último, Karl Marx” Riazanov.

10. Riazanov sobre Proudhon

- Na época da fundação da AIT, Proudhon ainda vivia, e, depois de algum tempo de encarceramento, emigrou para a Bélgica e, diretamente ou por intermédio de seus adeptos, exerceu certa influência no movimento. Mas a doutrina que pregava depois de 1860 era um pouco distinta da que desenvolvia no momento de sua polêmica com Marx expressa na *Miséria da Filosofia*.
- “[Manifesto dos Sessenta] Em sua parte teórica, em sua parte crítica do regime burguês, este manifesto corresponde inteiramente ao espírito proudhoniano. Mas ao mesmo tempo, se afasta claramente do programa político do mestre, preconiza a formação de uma organização política especial dos operários e reclama que se apoiem candidatos operários ao parlamento, a fim de poderem defender ali os interesses do proletariado. Proudhon aprovou ardentemente o Manifesto dos Sessenta e escreveu a esse respeito um livro, que é uma de suas melhores obras. Escreveu-o nos últimos meses de sua vida, morrendo antes de sua publicação. Intitula-se ‘Da capacidade política da classe operária’. Nela, Proudhon reconheceu aos operários o direito de possuir uma organização de classe independente. Aprova o novo programa dos operários de Paris (...). Embora mantenha seu velho ponto de vista sobre as greves e as associações de ajuda mútua, seu livro, por seu espírito de protesto contra a sociedade burguesa e sua tendência proletária, recorda sua primeira obra sobre a propriedade. Esta apologia da classe operária chega a ser um dos livros preferidos dos operários franceses. E quando se fala da influência das doutrinas de Proudhon na época da Primeira Internacional, não se pode esquecer de que se trata da doutrina de Proudhon tal como resulta depois da publicação do Manifesto dos Sessenta (...)” Riazanov.

11. Influência dos Mutualistas na Internacional

- *Na Internacional, desde o tempo do seu nascimento, as ideias de Proudhon haviam sido hegemônicas na França e em outras regiões de língua francesa, como a Suíça romanda, a Valônia e a cidade de Bruxelas. Seus discípulos, particularmente Tolain e (...) Fribourg, conseguiram deixar uma marca na reunião de fundação, em 1864, na Conferência de Londres em 1865, e nos Congressos de Genebra e Lousanne. Por quatro anos os mutualistas eram a ala mais moderada da Internacional. Os sindicatos ingleses, que constituíam a maioria da organização, não compartilhavam do anticapitalismo de Marx, mas também não tinham sobre a política da organização a mesma influência negativa exercida pelos seguidores de Proudhon. A partir das concepções do anarquista francês, os mutualistas defendiam que a emancipação econômica dos trabalhadores seria alcançada por meio da fundação de cooperativas de produção, financiadas por um banco popular central. Frequentemente contrários à intervenção do Estado em qualquer campo, opunham-se à socialização da terra e dos meios de produção e eram contrários à prática de greves (...) Marx desempenhou (...) um papel central no curso da longa luta para reduzir a influência de Proudhon no interior da Internacional. (...) Em grau ainda maior que Marx, porém, os que permaneceram distante da doutrina proudhoniana na Internacional foram os próprios operários. A proliferação das greves convenceu especialmente os mutualistas de quão equivocadas eram suas concepções, e as lutas proletárias lhes indicaram que a greve era a resposta imediata necessária não só para melhorar as condições existentes, mas também para reforçar a consciência de classe indispensável para construir a sociedade do futuro. (...) Foram os bronzistas de Paris, os tecelões de Rouen e de Lyon, os mineiros de carvão de Saint-Étienne, quem, com uma força superior a qualquer discussão teórica, convenceram os líderes franceses da Internacional da necessidade de socializar o solo e a indústria. Coube, em suma, ao movimento operário, demonstrar, desmentindo Proudhon, que era impossível separar a questão econômico-social da questão política.”* Marcello Musto.

12. August Blanqui, Paul Lafargue e Charles Longuet

- Blanqui – (1805 - 1881) teórico e revolucionário republicano socialista francês, bateu-se pela igualdade dos direitos dos homens e das mulheres e pela supressão do trabalho infantil. Blanqui defendia a tomada do poder pela luta armada, e a implementação do comunismo. Pela sua luta passou 37 anos da sua vida na prisão, sendo por isso conhecido pelo cognome de "O Encarcerado". (estudou medicina e direito).
- “[o grupo menos numeroso], mas composto exclusivamente de revolucionários, era o dos blanquistas, que desenvolvia sua propaganda entre os operários, os intelectuais, os estudantes e os literatos. A este grupo pertenciam, entre outros, Paul Lafargue e Charles Longuet, ambos mais tarde, genros de Marx. Clemenceau também frequentava esses círculos. Todos estes jovens e os operários estavam sob a influência de Blanqui que, embora encarcerado, mantinha frequentes contatos com o exterior e entrevistas com seus amigos. Eram os blanquistas os inimigos mais encarniçados do império napoleônico e se dedicavam à propaganda clandestina.” Riazanov.
- Lafargue – (1842 - 1911) Membro do Conselho Geral da AIT, escreveu, junto a Engels e Marx o texto de crítica à Bakunin (que será lido nos grupos). Lafargue foi genro de Karl Marx, casando-se com sua segunda filha Laura. Escreveu *O Capital - Extratos*, para facilitar o acesso popular à obra *O Capital* de Karl Marx. Esses extratos também teriam sido elogiados pelo sogro. (...). Nascido em Cuba numa família franco-caribenha, Lafargue passou a maior parte de sua vida na França, e um período na Inglaterra e Espanha. Aos 69 anos de idade ele e Laura morreram juntos em um pacto de suicídio.

- “(...) foi para Paris, onde estudou medicina, curso que concluiu, mas que não quis exercer. Enquanto estudante, declara-se republicano, socialista, materialista e ateu, colaborando com o que viria a ser o seu cunhado, Charles Longuet, na revista "Rive Gauche". (...) Em 1865, visita Marx, em Londres, e adere à Primeira Internacional (...) conhece e casa-se - apesar da oposição paterna - com a segunda filha menor de Marx, Laura, que será sua companheira e colaboradora até à morte. (...). Depois da queda do Império, Paul Lafargue encontra-se em Bordéus, onde dirige a secção local da AIT e o jornal, "La Tribune", rechaçando uma prefeitura que lhe é oferecida e assim qualquer compromisso com a burguesia. Quando é proclamada a Comuna de Paris, Lafargue encarrega-se de procurar apoios nas províncias. Finalmente, consegue entrar em Paris e participa durante quatro semanas nas atividades comunais. Perseguido pela polícia de Thiers, refugia-se em Espanha. (...). Permanecerá um ano em Espanha, colaborando com a secção espanhola da AIT (...) encabeça a fração marxista como representante das secções de Madrid e Lisboa, no que será o último Congresso da AIT, em Haia. A maioria bakuninista expulsa-o da Federação madrilenha. A conexão entre Lafargue e os socialistas espanhóis prolongar-se-á até ao final da sua vida, sendo um dos autores marxistas mais traduzido para castelhano no seu tempo. Estabelecido, de novo, em Londres, Paul participa, desde o princípio, no grupo que edita "L'Egalité" e na difícil reconstrução do movimento operário francês juntamente com Guesde. É detido pelo seu protesto contra a proibição do previsto Congresso Operário internacional. Depois do seu processo, lança um programa chamado dos Socialistas Revolucionários. Em 1880, redige com Marx e Engels o programa constituinte do Partido Operário Francês. Nesse ano, escreve a sua obra mais celebrada, "O direito à preguiça": (...) uma crítica virulenta contra as concepções burguesas que estimam o trabalho como uma virtude. Paul Lafargue compreende que o "ócio criador" é um privilégio da classe dominante que se funda na escravidão assalariada (...) reivindica as palavras do pró socialista alemão Lessing que dizem: "sejamos preguiçosos em todas as coisas, exceto em amar e beber, exceto em ser preguiçosos". Em 1882, regressa a França (...). Lafargue será juntamente com Guesde o principal dirigente do partido e o seu melhor expoente teórico. (...) Será também um dos fundadores da IIª Internacional. Depois de ser detido, pela sua denúncia da matança de Fourmies - onde o exército faria uma demonstração da sua eficácia, utilizando as novas espingardas Lebel - consegue ser deputado. (...) Além de "O Direito à Preguiça", destacam-se os seus escritos de crítica à ideologia burguesa (à religião em particular) e, em menor medida, nos trabalhos sobre economia, distingue-se um notável livro sobre os trusts em que analisa certamente a evolução do capitalismo norte-americano. As suas posições favoráveis à greve geral, a sua definição do partido como partido revolucionário que "defenderá em todo o momento uma linha de classe" e os seus contínuos posicionamentos situam-no claramente na esquerda socialista internacional. Paul Lafargue suicidou-se com Laura Marx, no dia 26 de novembro de 1911, deixando num papel a seguinte explicação: "Estando são de corpo e espírito, deixo a vida antes que a velhice imperdoável me arrebate, um após outro, os prazeres e as alegrias da existência e que me despoje também das forças físicas e intelectuais; antes que paralise a minha energia, que quebre a minha vontade e que me converta numa carga para mim e para os demais. Há anos que prometi a mim mesmo não ultrapassar os setenta; por isso, escolho este momento para me despedir da vida, preparando para a execução da minha decisão uma injeção hipodérmica com ácido cianídrico. Morro com a alegria suprema de ter a certeza que, num futuro próximo, triunfará a causa pela qual lutei, durante 45 anos. Viva o comunismo! Viva o socialismo internacional!". Lenine comentou na ocasião: "Um socialista não pertence a si mesmo, mas ao partido. Pode ser útil à classe operária. Por exemplo, escrevendo nem que seja um artigo ou um apelo. Não tem direito a suicidar-se". Pepe Gutiérrez-Álvarez <http://kaosenlared.net/>.
- Charles Félix César Longuet (1839 -1903) político francês, participou da I Internacional e da Comuna de Paris . Em 1860 Longuet mudou-se para Paris para estudar Direito e tornou-se um oponente do Segundo Império , fundou o jornal *Ecoles de France* e da margem esquerda , onde ele publicou em

seu preâmbulo e provisórios estatutos franceses, escrito por Marx , de " Associação Internacional de Trabalhadores , ingressou na Maçonaria . Em 1866 tornou - se secretário correspondente da Bélgica no Conselho Geral da Internacional e participou dos congressos de Lausanne , em 1867 , e de Bruxelas, em 1868 , onde apresentou uma resolução contra a guerra. De volta a Paris em 1870 , durante o cerco de Paris, ele era membro do Comitê Central dos Vinte *Arrondissements* e chefe do 248º Batalhão da Guarda Nacional. Durante o Município foi editor do *Journal Officiel* e em 16 de abril, ele foi eleito o Conselho do Município, como parte dos trabalhos e comissões de câmbio e votar contra a criação do Comitê de Segurança Pública procurado pela maioria do Conselho. Na queda da Comuna, refugiou-se em Londres, enquanto a corte marcial do regime de Thiers o condenou à revelia à deportação. Como membro do Conselho Geral, em 1872 ele votou pela exclusão de Bakunin e seus seguidores da Internacional. Naquele ano ele se casou com Jenny (1844 - 1883), a filha mais velha de Marx. Ele retornou a Paris após a anistia de 1880 ,e tomou uma posição contra a corrente marxista do Partido Democrático Trabalhista francês liderada por Jules Guesde .

- *“A partir de 1870, (...) alguns discípulos de Blanqui superaram suas antigas precauções diante de uma organização inspirada pela moderação proudhoniana e, testemunhando sua popularidade crescente entre os operários, começaram a aderir a ela”* Marcello Musto

13. Lassalle, Riazanov (leitura)

- Ferdinand Lassalle 1825 - 1864. alemão de origem judia. Considerado um precursor da social-democracia alemã, foi contemporâneo de Marx, e ambos estiveram juntos durante a Revolução Prussiana de 1848 até romperem relações, em 1864. Combativo e ativo propagandista dos ideais democráticos, proferiu, em 16 de abril de 1862, numa associação liberal-progressista de Berlim, a conferência que serviu de base para um livro importante para o estudo do direito constitucional (*A Essência da Constituição*). Cunhou o conceito sociológico de Constituição ao estabelecer que tal documento deve descrever rigorosamente a realidade política do país, sob pena de não ter efetividade, tornando-se um mera folha de papel. Em Berlim, Lassalle encontrou a jovem Hélène von Dönniges. No verão de 1864, ambos decidiram se casar. Entretanto, o pai de Hélène, um diplomata bávaro residente em Genebra, reprovou essa união e aprisionou a filha em seu próprio quarto. Sob pressão, Hélène acabou por desistir do casamento com Lassalle e aceitou unir-se a Iancu Racoviță. Lassalle decidiu então desafiar para um duelo tanto o pai de Hélène como Racovitã - que aceitou o desafio . O confronto aconteceu na manhã de 28 de agosto de 1864. Lassalle acabou sendo gravemente ferido por uma bala no abdômen, morrendo poucos dias depois.
- *“Criticando violentamente o programa do partido dos progressistas burgueses e as medidas que este propunha para remediar a miséria dos operários, Lassalle mostra como é imprescindível a organização do partido da classe operária. A reivindicação capital, para cuja obtenção se tem de concentrar todas as forças, é o sufrágio universal. Quanto ao programa econômico, Lassalle (...) demonstra que é impossível elevar o salário sobre um mínimo determinado. Daí que recomende organizar sociedades de produção, com a ajuda de créditos abertos pelo Estado. (...) Lassalle, desejoso de alcançar imediatamente um êxito prático importante, se entusiasmou com a ‘política real’ e em sua luta contra o partido progressista foi demasiadamente longe, até chegar a flertar com o governo. (...) Não menos profundo era o desacordo concernente às associações de produção. Para Marx e Engels, estas não passam de um meio secundário de muito pouca importância (...) ver nas associações de produção, a maneira de apoderar-se progressivamente dos meios sociais de produção, era esquecer que para isto se requeria, antes de tudo, apoderar-se do poder político (...) Marx e Engels tinha, igualmente, uma concepção completamente distinta da de Lassalle no tocante à função dos sindicatos. Exagerando a importância das associações de produção, Lassalle considerava perfeitamente inútil a*

organização daqueles, voltando assim às opiniões dos utopistas (...) em sua luta contra os progressistas prussianos, Lassalle esquecia que existia um feudalismo prussiano, uma casta de junkers, que não era menos hostil aos operários que a própria burguesia (...) não sabia manter-se nos limites necessários e comprometia sua causa, elogiando às autoridades. (...) Muito provavelmente se teria chegado a uma ruptura aberta se Lassalle não tivesse morrido num duelo em 30 de agosto de 1864” Riazanov.

14. Mensagem Inaugural da AIT - leitura

- *“O Manifesto Comunista foi composto em nome de um pequeno grupo de revolucionários e de comunistas para um movimento operário muito jovem ainda (...) Em 1864, o movimento operário havia crescido consideravelmente, adquirido caráter de massas, mas, do ponto de vista do desenvolvimento da consciência de classe, estava consideravelmente atrasado com relação à pequena vanguarda revolucionária de 1848 (...) Era preciso escrever o novo manifesto sem esquecer o nível de desenvolvimento do movimento operário e de seus dirigentes, sem renunciar, porém a nenhuma das teses fundamentais do Manifesto Comunista.” Riazanov.*
- Escrito entre 21 e 27 de outubro de 1864, o texto aprovado pelo Conselho Geral em sua seção de 1º de novembro e publicado três dias depois no hebdomadário londrino *The Bee-Hive*. Mais tarde, no mesmo mês foi republicado, juntamente com os estatutos da organização, numa brochura intitulada *Adress and Porvisional Rules of the Working Men’s International Association*. Nota de Marcello Musto.
- O texto do Mensagem Inaugural da AIT será debatido nos grupos.

15. O Estatuto da AIT – Leitura

16. Bakunin e Guilloume

- *“O estatuto não diz diretamente, como o Manifesto Inaugural, que para conseguir todos os objetivos a que se proõe, o proletariado deve conquistar o poder político; emprega outra fórmula. Diz somente que a emancipação econômica da classe operária ‘é o supremo objetivo ao qual se deve subordinar todo movimento político, como meio’. (...) Para os membros ingleses da Internacional, a fórmula de Marx certamente era clara. O estatuto estava escrito em inglês e Marx havia empregado a terminologia familiar aos velhos cartistas e ‘owenistas’ que se achavam no Comitê (...) Só alguns anos mais tarde, quando começaram as discussões inflamadas entre os bakuninistas e seus adversários sobre a luta política, este ponto chegou a ser o verdadeiro pomo de discórdia. Os bakuninistas sustentavam que, primitivamente, as palavras ‘como meio’ não figuravam no estatuto e que Marx as havia introduzido mais tarde, a fim de conseguir fazer passar de contrabando no estatuto a sua teoria (...) Quando se traduziu o estatuto para o francês para divulgá-lo na França, suprimiram-se na edição legal as palavras ‘como meio’. O Teto francês dizia: ‘A emancipação econômica dos trabalhadores é o supremo objetivo a que se deve subordinar todo movimento político’. Julgou-se necessária a supressão a fim de não chamar a atenção da política que vigiava cuidadosamente todo movimento político entre os operários. (...) Agravou mais a questão o fato de que a tradução francesa do estatuto assim desnaturalizado fosse impressa na Suíça francesa e dali distribuída a todos os países onde o francês estava mais em uso, isto é, Itália, Espanha e Bélgica” Riazanov.*

- [Bakunin] “em setembro de 1868 ele havia fundado em Genebra, a Aliança da Democracia Socialista, uma organização que, em dezembro, apresentou um pedido de adesão à Internacional – inicialmente rejeitado pelo Conselho Geral. A Internacional não podia aceitar em seu interior, organizações que continuassem afiliadas a uma estrutura transnacional paralela; além disso, um dos objetivos do programa da Aliança da Democracia socialista – a igualdade das classes” – era radicalmente distinto de um dos pilares centrais da Internacional: a abolição das classes. Pouco depois, no entanto, a Aliança da Democracia Socialista modificou a parte de seu programa criticada pelo Conselho Geral e aceitou reduzir a rede de suas seções – muitas das quais, na realidade, existiam apenas na imaginação de Bakunin (...) Com frequência, Marx preferiu ridicularizar as posições de Bakunin, descrevendo-o como um defensor da ‘equalização entre as classes’ (...) ou do abstencionismo político tout court. Já o anarquista russo, que carecia das qualidades teóricas de seu adversário, escolheu o terreno das acusações e insultos pessoais” Marcello Musto.
- James Guillaume (1844 - 1916) foi um dos principais membros da Federação do Jura, a ala anarquista da AIT.

17. Comuna de Paris

- [Guerra Franco Prussiana] “A primeira fase foi de uma rapidez aterradora. O exército francês não estava preparado (...) Em seis semanas o exército regular foi abatido completamente e Napoleão capitulou a 2 de setembro em Sedan. A 4 de setembro, proclamou-se em Paris a República e, contrariamente à declaração da Prússia afirmando que só combatia o Império, as hostilidades continuaram (...) Imediatamente após a proclamação da República o Conselho Geral publicou um segundo manifesto contra a guerra. (...) Marx previu no manifesto que a Guerra finalizaria com a queda do Segundo Império. O segundo começa recordando esta previsão (...) Desde o momento em que a segregação do exército francês ficou evidente, muito antes da capitulação de Sedan, a camarilha militar prussiana decidiu-se pela conquista. (...) Marx analisa os argumentos militantes com que os generais prussianos e Bismarck se esforçaram para justificar a anexação da Alsácia e da Lorena à Alemanha. Decidi-se categoricamente contra toda a anexação ou indenização e demonstra que uma paz de violência conduz a resultados diametralmente opostos; uma nova guerra é consequência de semelhante paz. (...) Esta previsão se cumpriu ao pé da letra. (...) O manifesto termina com a exposição das tarefas que se impunham então à classe operária: exorta os trabalhadores alemães a exigir uma paz honrosa e o reconhecimento da República Francesa. Aos operários franceses (...) aconselha não perder de vista os republicanos burgueses e utilizar o regime da república para desenvolver rapidamente sua organização de classe e obter sua emancipação. Os acontecimentos não tardaram a justificar a desconfiança de Marx para com os republicanos franceses. Sua conduta infame, sua disposição para entender-se com Bismarck antes de fazer a menor concessão à classe operária, determinaram a proclamação da comuna. Depois de três meses de luta heróica, este primeiro ensaio de ditadura do proletariado, realizado nas condições mais desfavoráveis, foi vencido. O Conselho Geral não estava em condições de prestar aos franceses a ajuda necessária; Paris estava separada do mundo inteiro e do resto da França pelas tropas francesas e alemãs (...) Marx, que durante a Comuna (...) esforçou-se por manter contato com Paris, recebeu do Conselho Geral o encargo de escrever sobre ela um manifesto. Nele defende os comunistas caluniados por toda a imprensa burguesa e manifesta que a comuna é uma nova e grande etapa do movimento proletário, o protótipo do Estado proletário, que assumiu a realização do comunismo. (...) Ela ensina que o proletariado, uma vez dono do poder, está obrigado a criar seu próprio órgão estatal, adaptado às suas necessidades. Mas, ela ensina igualmente que o Estado proletário não pode encerrar-se nos limites de uma cidade, ainda que seja a capital. O poder do proletariado tem que estender-se a todo o país para conseguir consolidar-se, e a vários países capitalistas para conseguir a vitória definitiva. Pelo contrário, Bakunin e seus

adptos extraíram outras conclusões da experiência da Comuna. Continuaram combatendo, embora com maior violência, qualquer política e qualquer Estado, recomendando a organização, na primeira ocasião favorável, de ‘comunais’ nas cidades isoladas, cujo exemplo seria imitado pelas outras. A derrota da Comuna prejudicou muito a Internacional e o movimento operário francês se estagnou quase que completamente por vários anos. Na Internacional, só esteve representado pelos participantes da Comuna radicados na Inglaterra ou na França e que haviam conseguido escapar às perseguições, entre os quais se desenrolaria a mais encarniçada luta de facções, luta que foi levada no sei do Conselho Geral.” Riazanov.

Depois da queda de Bonaparte, derrotado em Sedan pelos alemães em 4 de setembro de 1870, foi proclamada na França a Terceira República. Em janeiro do ano seguinte, a tomada de Paris, que sofrera um assédio por mais de quatro meses, forçou os franceses a aceitarem as condições impostas por Bismark. A isso se seguiu um armistício, que permitiu a realização de eleições e a sucessiva nomeação de Adolphe Thiers (1797-1877) como chefe do poder executivo, sustentada por uma vasta maioria legitimista e orleanista. Na capital, porém, à diferença do restante da França, o descontentamento popular era mais intenso que em outros lugares e as forças republicano-progressistas venceram por esmagadora maioria. A clara perspectiva de um governo que não realizaria nenhuma reforma social e que pretendia desarmar a cidade animou a sublevação dos parisienses. Esta se concluiu com a derrubada de Thiers e a fundação, em 18 de março, da Comuna de Paris, o mais importante evento político da história do movimento operário do século XIX. A Bakunin, que havia conclamado os operários a transformar a guerra patriótica em guerra revolucionária, o Conselho Geral respondeu, num primeiro momento com o silêncio. Marx foi encarregado de redigir um texto em nome da Internacional, mas retardou sua publicação. As razões desta espera foram complexas e difíceis. Conhecendo bem as relações reais de força em campo e as fraquezas da Comuna, Marx sabia desde o início que ela estava condenada à derrota. (...) Marx (...) ausentou-se por várias semanas das reuniões do Conselho Geral. (...) em 28 de maio, pouco mais de dois meses depois de proclamada, a Comuna de Paris foi reprimida de modo sangrento. Dois dias mais tarde, Marx retornou ao Conselho Geral, trazendo consigo um manuscrito intitulado A guerra civil na França. Lido e aprovado por unanimidade foi publicado com o nome de todos os componentes (como era hábito nos documentos do Conselho Geral). Em poucas semanas, o texto produziu grande impacto (...) Três edições inglesas em rápida sucessão foram aclamadas entre os trabalhadores e causaram escândalo nos ambientes burgueses. (...) Apesar da defesa apaixonada e convicta de Marx, está absolutamente excluída a possibilidade de que a Internacional possa ter impulsionado os parisienses à insurreição ou tenha exercido uma influência decisiva sobre a comuna de Paris, como afirmaram (...) os reacionários da época ansiosos por condená-la (...). Embora reconhecendo o papel desempenhado pelos dirigentes da Internacional (...) a liderança da Comuna de Paris esteve nas mãos da ala radical-jacobina. (...) Nas eleições municipais de 26 de março, foram eleitos 85 representantes da Comuna (...) e 17 eram membros da Internacional (...) provenientes de diversas experiências (...) não constituíram um grupo monolítico e, com frequência, votaram de modo diferente (...) o próprio Marx declarou que ‘a maioria da Comuna não foi socialista e não poderia ter sido’. A Comuna de Paris foi reprimida com violência brutal pelo exército de Versalhes (...) cerca de 7 mil presos conseguiram fugir e exilar-se na Inglaterra, Bélgica ou na Suíça. A imprensa conservadora e liberal europeia completou a obra dos soldados de Thiers. Seus articulistas acusaram os comunards dos piores crimes (...). A partir desse momento a Internacional esteve no olho do furacão e a ela foi atribuída a responsabilidade por todo ato contra a ordem constituída (...) Marx precisou dedicar dias inteiros para responder às falsificações sobre a Internacional e sobre a sua pessoa publicadas nos jornais (...) os governos de toda a Europa, preocupados que, depois de Paris, pudessem surgir outras sublevações, intensificaram ainda mais suas medidas repressivas. Não obstante os dramáticos eventos em Paris e o furor da repressão brutal posta em ação por todos os governos europeus, a força da Internacional aumentou após os eventos da Comuna de Paris. Apesar de frequentemente cercada das mentiras escritas contra

ela por seus adversários, a expressão ‘A Internacional’ tornou-se, nesse período, conhecida de todos. Para os capitalistas e a classe burguesa, foi sinônimo de ameaça da ordem constituída, mas para os operários significou a esperança num mundo sem exploração e injustiças. (...) A insurreição parisiense deu força ao movimento operário, impulsionando-o a assumir posições mais radicais e a intensificar a militância. (...) Muitos ex-mazzinianos, desiludidos (...) decidiram unir-se à organização (...) Ainda mais importante foi o apoio recebido de Giuseppe Garibaldi (...) chegaram (...) inesperados pedidos de adesão de várias partes do mundo. (...)” Marcello Musto.

- O texto de Marx “Guerra Civil em França” vai ser lido nos grupos.

18. Karl Marx – Garibaldi - leitura

19. Conferências e Congressos da AIT

- Conferência de Londres: 25-29 de setembro de 1865.
- Convocação do Primeiro Congresso.
- I Congresso: Genebra, 3-8 de setembro de 1866
“Os participantes do congresso se dividiram substancialmente em dois blocos. O primeiro, composto pelos delegados ingleses, pelos poucos alemães presentes e pela maioria dos suíços, seguiu as diretivas do Comitê Central redigidas por Marx, ausente em Genebra. O segundo, do qual faziam parte franceses e uma parte dos suíços de língua francesa, era constituído de mutualistas, liderados pelo parisiense Henri-Luis Tolain (...) prefiguravam uma sociedade em que o trabalhador seria ao mesmo tempo, produtor, capitalista e consumidor. Eles viam na concessão de crédito gratuito uma medida determinante para transformar a sociedade; opunham-se ao trabalho feminino, condenado do ponto de vista moral e social, e rejeitavam qualquer interferência do Estado em matéria de relações de trabalho (inclusive a redução legal da jornada de trabalho para oito horas), porquanto estavam convencidos de que isso ameaçaria as relações privadas entre os trabalhadores e os patrões e reforçaria o sistema vigente. Baseando-se nas resoluções preparadas por Marx, os dirigentes do Comitê Central presentes no congresso conseguiram suplantar o grupo dos mutualistas, numericamente fortes e obtiveram resultados favoráveis à intervenção do Estado (...) Essas reivindicações reformistas, portanto, longe de tornarem mais forte a sociedade burguesa, como acreditavam erroneamente Proudhon e seus seguidores, representavam um ponto de partida indispensável para a emancipação da classe trabalhadora. Nas instruções preparadas por Marx para o Congresso de Genebra, por fim, é reconhecida a função fundamental do sindicato, contra a qual se haviam manifestado não só os mutualistas, mas também alguns seguidores de Robert Owen, na Inglaterra, e, fora da Internacional, os lassalianos alemães. (...) No mesmo documento, Marx não poupou de suas críticas os sindicatos existentes (...) A mesma coisa ele reafirmara numa mensagem ao Conselho Geral em 20 e 27 de julho, que seria postumamente publicado como artigo, sob o título ‘Value, Price and Profit’ ” Marcello Musto.
- *“O Congresso se iniciou com um escândalo. Haviam chegado da França, além de proudhonianos, blanquistas que pretendiam participar de seus trabalhos – quase todos, estudantes muito revolucionários(...). Embora não possuíssem nenhum mandato, eram os que mais alvoroço faziam. Por último, foram expulsos bruscamente. Diz-se que se quis afoga-los no lago de Genebra. Mas isto é só*

uma lenda. Houve, sem dúvidas, socos, distribuíram-se alguns golpes, como acontece entre os franceses, que em suas lutas de frações, nem sempre se limitam, como os pacíficos eslavos, a resoluções de exclusões. (...) Marx não pode assistir; achava-se então ocupado na redação definitiva do primeiro volume de O capital; além disto, enfermo e completamente vigiado por espiões franceses e alemães, só com muitas dificuldades teria podido fazer a viagem. Mas escreveu um informe minucioso sobre todos os pontos da ordem do dia. Os delegados franceses apresentaram um informe detalhado, que era a exposição das ideias econômicas de Proudhon, declaram-se energicamente contra o trabalho da mulher, sustentando que a natureza fez do lar o seu lugar, que a mulher deve ocupar-se da família e não trabalhar na fábrica. Rechaçaram explicitamente as greves e os sindicatos. E defendiam a cooperação e a organização da troca com base no mutualismo. (...) Opuseram-se também à limitação legal da jornada de trabalho. (...) Os franceses se declararam contra as greves e contra qualquer organização de resistência aos patrões; só na cooperação viam a salvação dos operários. Os delegados londrinos lhes propunham, em forma de resolução, toda a parte do informe de Marx sobre os sindicatos. Esta foi adotada pelo congresso, e originou os mesmos mal-entendidos que as outras decisões da Internacional [tradução] (...) Marx destaca os sintomas que indicam que os sindicatos começam a compreender a sua missão histórica, dentre os quais indica a participação dos sindicatos ingleses (trade-unions) na luta pelo sufrágio universal e a resolução que adotaram na conferência de Sheffield, recomendando a todos os sindicatos a adesão à Internacional. Concluindo, Marx que até então havia polemizado com os proudhonianos, coloca-se contra os tradeunionistas puros, que queriam limitar a ação dos sindicatos a assuntos de salário e de jornada operária. (...) A tentativa dos franceses (que já haviam levantado esta questão na Conferência de Londres) de não entender como 'operário' senão as pessoas ocupadas em um trabalho manual e excluir os representantes do trabalho intelectual, foi fortemente combatido. Os delegados ingleses declaram que, para se aceitar a proposição dos franceses, era necessário excluir o próprio Marx, que tanto havia feito pela internacional." Riazanov.

- Trechos da Resolução do Congresso de Genebra (mutualismo e sindicatos) e da mensagem Salário, preço e lucro serão lidos nos grupos.
- II Congresso: Lausanne, 2-8 de setembro de 1867.
- III Congresso: Bruxelas, 6-13 de setembro de 1868.
- “O Congresso de Bruxelas, realizado entre 6 e 13 de setembro de 1868, na presença de 99 delegados provenientes da França, da Inglaterra, da Suíça, da Alemanha, da Espanha (um único delegado) e da Bélgica (com 55 representantes), consolidou o redimensionamento dos mutualistas. Em seu apogeu, houve o pronunciamento dos delegados favoráveis à proposta, apresentada por César de Paepe, de socialização dos meios de produção. [pedreiras, minas de carvão, propriedade fundiária, canais, estradas e telégrafos]” Marcello Musto.
- Adotou-se, por proposição da delegação alemã uma resolução que recomendava aos operários de todos os países o estudo de O Capital.
- Trechos da Resolução do Congresso de Bruxelas sobre os sindicato e greves será lido nos grupos.

- IV Congresso: Basileia, 6-12 de setembro de 1869

“(...) se o Congresso de Bruxelas marcou o momento a partir do qual teve início a viragem coletivista da Internacional, o do ano seguinte (...) consumou esse processo, erradicando o proudhonismo até mesmo de sua terra natal, a França. Dele participaram 78 delegados, provenientes não só da França, da Suíça, da Alemanha, da Inglaterra e da Bélgica, mas, numa demonstração da expansão da organização, também da Espanha, da Itália e da Áustria, além de um representante do Sindicato nacional do Trabalho dos Estados Unidos. A presença deste último e de Wilhelm Liebknecht, representante da segunda força política organizada da classe operária, o Partido socialdemocrata dos Trabalhadores da Alemanha, fundado havia poucas semanas em Eisenach, contribuiu para tornar o congresso mais solene (...) As resoluções sobre a propriedade fundiária, aprovadas em Bruxelas (...) foram confirmadas (...) novo texto (...) ‘que a sociedade tem o direito de abolir a propriedade individual do solo e de dá-lo à comunidade’ (...) Depois de Basileia, a Internacional na França deixou de ser mutualista. (...) participação do delegado Michail Bakunin (...) Depois de ter finalmente derrotado os mutualistas e o espectro de Proudhon, Marx se viu, a partir daquele momento, na necessidade de enfrentar um rival ainda mais hostil, um desafiante que formou uma tendência no interior da organização e que visava conquistá-la: o anarquismo coletivista” Marcello Musto.

- Conferência de delegados de Londres: 17-23 de setembro de 1871

“Com a presença de 22 delegados vindos da Inglaterra (pela primeira vez a Irlanda se fez representar), da Bélgica, da Suíça e da Espanha, além dos exilados franceses (...) tratou-se, de fato, de uma reunião ampliada do Conselho Geral. Desde sua convocação, Marx anunciara que ‘nas presentes circunstâncias a questão da organização era a mais importante’, razão pela qual a conferência se concentraria ‘exclusivamente em questões organizacionais e políticas’, deixando de lado as questões teóricas. (...) Reorganizar a Internacional, defende-la da ofensiva das forças inimigas e obstaculizar a crescente influência de Bakunin: foram as prioridades da Conferência de Londres. (...) Marx (...) foi (...) o delegado mais ativo da Conferência, tomando a palavra 102 vezes (...) Em Londres foi confirmada sua estatura no interior da organização. Ele era não apenas seu cérebro, aquele que elaborava a linha política, mas também u de seus militantes mais combativos e capazes. (...) Se o Congresso de Genebra de 1866 havia confirmado a importância do sindicato, a Conferência de Londres de 1871 definiu o outro instrumento fundamental da luta do movimento operário; o partido político (...) o contrário da ideia defendida no Catecismo do revolucionário, o manual nihilista escrito em 1869 por Seguei Netchaev (...), e cujas teorias e práticas de sociedade secreta – censuradas pelos delegados de Londres – eram entusiasticamente apoiadas por Bakunin (...) a deliberação aprovada em Londres, conclamando a criação de organizações políticas em cada país e a transferência de poderes mais amplos ao Conselho Geral teve graves repercussões na vida da Associação (...)” Marcello Musto.

- Há dois trechos de sinopses do discurso de Marx na conferência de Londres que serão lidos nos grupos

- V Congresso: Haia, 2-7 de setembro de 1871

“(...) Dele participaram 65 delegados representando 14 países. A maioria era composta de franceses e alemães, com respectivamente dezoito (muitos eram membros do Conselho Geral, que havia cooptado quatro blanquistas) e quinze delegados. (...) A importância do evento fez com que Marx tomasse parte

pessoalmente, acompanhado de Engels. Foi o único congresso da Internacional de que Marx participou. Não estiveram presentes nem César de Paepe (talvez por estar consciente de que não poderia exercer o papel de mediação entre as partes que havia desempenhado um ano antes em Londres) nem Bakunin. (...) O componente 'autonomista', isto é, a posição de todos aqueles que se opunham às escolhas do Conselho Geral, foi representado por 25 delegados (...) A decisão de maior relevo de Haia foi a introdução da principal deliberação política da conferência de 1871 nos Estatutos da Associação. A esses foi adicionado o artigo 7a (...) Em seguida à sua aprovação, a meta da conquista do poder político foi oficialmente inserida no estatuto da Associação, juntamente com a indicação de que o partido operário era um instrumento essencial para alcançá-la. A decisão seguinte, de conferir poderes mais amplos ao Conselho Geral, aprovada com 32 votos a favor, 6 contra e 12 abstenções, tornou a situação mais intolerável para a minoria. A partir daquele momento, o Conselho tinha a tarefa de garantir em cada país a "rígida observação dos princípios, estatuto e regras gerais da Internacional", e a ele se atribuía 'o direito de suspender ramos, seções, conselhos ou comitês federais e federações da Internacional até o próximo congresso. (...) A expulsão de Bakunin (25 votos a favor, 6 contra, 7 abstenções) e Guillaume (25 a favor, 9 contra, 8 abstenções) também causaram grande celeuma, tendo sido proposta por uma comissão de inquérito que descreveu a Aliança da Democracia Socialista como 'uma organização secreta, com estatutos completamente opostos aos da Internacional' (...) Marcello Musto.

- *“Em 1872, a Internacional, nascida em 1864 deixou de existir (...) Pouquíssimas forças na Europa se alinharam com a Federação Americana em apoio ao novo Conselho Geral, sediado em Nova York. (...) Ao final de suas tarefas, o congresso de Haia aceitou a proposição de Engels para transferir para Nova York a sede do Conselho Geral. (...) nesta época, a Internacional havia perdido não só seu apoio na França, onde desde 1872 só o fato de pertencer a ela era um crime, mas também na Alemanha e na Inglaterra. A transferência para a América do organismo central era considerada provisória. Mas aconteceu que o Congresso de Haia foi o último realizado pela Internacional. Em 1876, o Conselho Geral anunciou de Nova York que a Primeira Internacional havia deixado de existir.” Riazanov*

- VI Congresso: Genebra, 7-13 de setembro de 1873
30 delegados (15 de Genebra)

- Conferência dos delegados da Filadélfia: 15 de julho de 1876
Dissolução (10 delegados)

20. Sobre a Autoridade

- O texto "Sobre a Autoridade" escrito por Friedrich Engels em março de 1873, polemiza com as tendências anarquistas "antiautoritárias" no movimento comunista internacional à época.
- Será discutido nos grupos

21. Crítica ao Programa de Gotta

- Em 1875, Marx encaminhou à cidade de Gotha um conjunto de observações críticas ao programa do futuro Partido Social-Democrata da Alemanha, resultado da unificação dos dois partidos operários alemães: a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães, dirigida por Ferdinand Lassalle, e o Partido Social Democrata dos Trabalhadores, dirigido por Wilhelm Liebknecht, Wilhelm Bracke e August Bebel, socialistas próximos de Marx. O projeto de programa proposto no congresso de união privilegiava as teses de Lassalle, o que suscitou críticas virulentas de Marx em forma de carta direcionada aos dirigentes. Contra as posições de Lassalle, Marx defende a ditadura revolucionária do proletariado.
- *“Em 1875, ‘lassallianos’ e ‘eisenachianos’ uniram-se em torno do programa de Gotha, que foi um mau compromisso entre o marxismo e esta deformação do marxismo que se chama ‘lassalismo’. Marx e Engels protestaram energicamente contra o dito programa não pelo fato de estarem contra a união ou quererem a todo custo, a modificação do programa, segundo suas indicações, mas sim porque consideravam, com razão, que se a união era necessária, de nenhuma maneira fazia falta dar-lhe como base um mau programa. Opinavam que mais convinha esperar e limitar-se a uma plataforma geral para o trabalho prático diário. (...)”* Riazanov

22. Brasil: Associação de Socorro Mútuos, Liga Operária – 1870

- *“As primeiras fábricas que surgiram no Brasil foram criadas para o setor têxtil. Entre os anos de 1844 e 1866, foram instaladas no país nove tecelagens de algodão. Dessas, cinco localizavam-se em Salvador (BA). Por volta de 1890, o Brasil já contava com 48 fábricas do ramo têxtil, assim distribuídas; 13 em Minas Gerais; 12 na Bahia; 11 no Rio de Janeiro; 10 no Maranhão; e 9 em São Paulo. Em 1890, calcula-se que existiam 55 mil operários no Brasil. Muitos trabalhavam nos portos e nos arsenais da Marinha. Depois foi a vez das fábricas de bebidas, como a Bohemia, construída em 1853, em Petrópolis, e a Brahma, em 1888, no Rio de Janeiro. As máquinas dessas fábricas vinham todas do exterior. (...) Os primeiros pólos industriais do Brasil localizam-se no Rio de Janeiro, a capital, em Juiz de Fora (MG) e logo em seguida em São Paulo. São Paulo foi o estado que mais investiu na imigração europeia. Os primeiros trabalhadores de suas oficinas e fábricas eram imigrantes europeus vindos das regiões mais pobres daquele continente. A imigração em São Paulo concentrou nos italianos. No Rio de Janeiro, onde a maioria dos trabalhadores era brasileira, havia um terço da população composta por imigrantes, a maioria deles portugueses e espanhóis. (...) As primeiras fábricas só selecionavam para o trabalho imigrantes europeus. Os ex-escravos ficavam com os piores serviços, pequenos biscates ou qualquer coisa que desse um prato de comida para a família. (...) Os patrões brasileiros (...) não admitiam nenhuma organização de trabalhadores e nenhuma regulamentação em lei de direito conquistado. As únicas leis que existiam eram repressivas (...) As primeiras formas de organização dos trabalhadores (...) foram as caixas beneficentes, caixas de socorro mútuo e associações de bairro. Mas logo, nas vésperas do novo século, começaram a surgir novas formas de organização, com outros nomes, como as Ligas Operárias, as Sociedades de Resistência e as Uniões dos Trabalhadores. (...) Já no início do século XX, a palavra sindicato era adotada para indicar a organização operária. (...) A partir de 1890, apareceram vários agrupamentos com o nome de partido (...) em 1890, tanto no Rio de Janeiro quanto na cidade de São Paulo, grupos de ativistas socialistas criaram um Partido Operário. Dois anos depois, no Rio de Janeiro, houve tentativa de criação de um Partido Socialista. Essa tentativa frustrada se repetiu novamente, na capital do país em 1895. (...) A primeira greve organizada da qual temos notícia, no Brasil, foi a dos gráficos de três jornais diários do Rio de Janeiro, em 1858 (...) Em 1863, os ferroviários do Rio de Janeiro fizeram uma greve por aumento de salário e melhores condições de trabalho. Em 1877, aconteceu a greve dos portuários de Santos (SP) que, logo em seguida, criaram a Sociedade União Operária. Mas foi a partir da década de 1880 que as greves se multiplicaram nas fábricas e oficinas das cidades que*

se industrializavam.” Vito Giannotti, *História das lutas dos trabalhadores no Brasil*, Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

23. O padeiro e o Dragão do Mar – leitura

- “(...) a surpreendente trajetória do líder padeiro João de Mattos. Seu relato começa na cidade de Santos, em 1876, quando organizou um “levante” – “que eram as mesmas greves de hoje”. A ação de João de Mattos, então trabalhando como padeiro naquela cidade, consistia na organização de todos os escravizados que trabalhavam nas 5 padarias de Santos (com o apoio dos livres que com eles compartilhavam o ofício) para paralisarem o trabalho e fugirem, em ato contínuo. Enquanto preparava-se a fuga, eram forjadas cartas de alforria que permitiriam que os fugitivos encontrassem trabalho no campo, como livres. Preso, dois meses após a fuga, em São Bernardo, foi levado para Santos, passando três meses na cadeia. Como não houve testemunho para incriminá-lo, João foi solto, com a condição de não mais voltar à cidade. Migrou para São Paulo, em 1877, onde organizou os escravizados das 11 ou 12 padarias da cidade para um “levante” do mesmo tipo. Na justificativa dos atos praticados por ele e seus companheiros, organizando as fugas, João de Mattos denunciava o arbítrio patronal, equiparando livres e escravos, por ele chamados de escravizados “livres” ou “de fato”: “Os patrões eram demais carrascos e abusaram do seu poderio. Os empregados escravizados livres, as prerrogativas eram as mesmas dos de fato, por qualquer coisa davam sopapos, pontapés, empurrões pela porta afora” (Idem, p. 65). Com o grupo de fugidos de São Paulo, usando a mesma estratégia das cartas de alforria falsas para encontrar emprego em fazendas no interior, migrou para a província do Rio de Janeiro, chegando à Corte em 1878. Na capital fundou, em 1880, um “Bloco de Defesa” dos padeiros, denominado “Sociedade de Combate dos Empregados de Padaria com o lema Pelo Pão e pela Liberdade”. O “Bloco de Defesa”, entretanto, era clandestino, pelo seu fim “criminoso” de “guerrear a propriedade escrava”, escondendo-se sob o disfarce de um “Curso de Dança”. Por tal organização, que contava com cerca de 100 associados, montaram-se novos “levantes” parciais e um levante geral, com a fuga na direção de Barra do Piraí. Na volta ao Rio, João de Mattos foi novamente preso, por denúncia de um membro da Sociedade, que vendeu a informação por 100\$000 réis. Defendido por Saldanha Marinho, voltou à liberdade após 3 meses. O fim da escravidão não significou o fim das lutas de João de Mattos e seus companheiros padeiros, pois conforme seu argumento, após destruir o “poderio escravocrata de fato”, nas lutas seguintes haveriam de conseguir “destruir a dos escravizados livres, que continuam só com o direito de escolher este ou aquele senhor” . Assim, o militante padeiro esteve envolvido, nos anos seguintes, na criação da Sociedade Cooperativa dos Empregados de Padaria no Brasil, em 1890, bem como da Sociedade Cosmopolita Protetora dos Empregados de Padaria, em 1898, que mais tarde daria origem ao sindicato da categoria, com o lema “Trabalho, Justiça e Liberdade, sem distinção de cor, crença ou nacionalidade” . Da sociedade surgiria o jornal *O Panificador*, assim como uma biblioteca. A organização atuou tanto nas lutas diretas contra os patrões quanto na luta institucional, através de petições ao Congresso Nacional. A trajetória de João de Mattos e de seus companheiros parece confirmar a hipótese central que anima todo este artigo: entre as lutas dos escravos pela liberdade e as primeiras lutas de trabalhadores assalariados urbanos, na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, existiam elos significativos e compartilhamento de experiências – de trabalho, de organização.” Marcelo Badaró Mattos, *Trabalhadores escravizados e livres na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX*, Revista Rio de Janeiro, n. 12, jan-abril 2004.